O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 28. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não será recebida —Artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis—Semestre, 1$500 réis—Trimestre, 800 réis.

NUMERO 239 | **SEXTA-FEIRA 23 DE OUTUBRO DE 1863** | **TERCEIRO ANNO**

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

AVEIRO

Informações universitarias

III

Expuzémos já as rasões em que nos apoiamos para propôr a abolição das informações scientificas da universidade. Em nosso entender, nos casos em que ellas não são inuteis (no antecedente artigo dissemos em que casos assim as julgamos), ou são um meio de resalvar as injustiças que se practicaram em alguns annos approvando indevidamente quem o não merecia por satisfazer a empenhos, ou um modo facil e seguro de satisfazer paixões pequeninas e de obedecer a resentimentos particulares, que nos actos não poderiam manifestar-se sem escandalo publico.

Introduza-se nas cartas de formatura uma modificação, em ordem a fazel-as indicar qual foi em cada um dos cinco annos o resultado dos actos finaes de cada estudante,e esse diploma escusará o outro das informações scientificas, ou antes será elle mesmo a expressão do conceito que á universidade mereceu um dado individuo, considerado pelo lado da sciencia.

E na verdade, a quem meditar bem, não parecem cousa séria as informações scientificas da universidade. Supponhamos que um individuo formado em qualquer das faculdades universitarias apresenta a alguem certidões authenticas e honrosas dos resultados de todos os seus actos, documentando v. g., um requerimento em que pede um emprego publico,mas que deu demão ás informações; que esse alguem, com o contraprova dos documentos apresentados, exige a certidão de informações,e que essas modificam um pouco os dizeres das certidões d'actos, porque só chamam soffrivel ao que estas chamaram bom; perguntamos nós: Não será indecoroso que uma corporação, que deve tornar-se credora do maior respeito, se contradiga tão manifestamente? Será proprio de gente séria affirmar agora uma cousa, para d'aqui a pouco a negar ou pôr em duvida? Estará muito convencido da veracidade de uma cousa, quem não ousa declaral-a frente a frente aos interessados, podendo e devendo fazel-o, para a dizer depois d'elles haverem voltado costas, quando se lhe não pode impôr a responsabilidade legal, nem moral, do que tiver dito? Será isto proprio de uma universidade? Cremos que não.

Em nosso entender, a discrepancia entre as cartas de formatura ou certidões d'actos, e as informações scientificas significa uma d'estas cousas: ou que alguns dos lentes, não se atrevendo, para não desobedecerem a empenhos, a reprovar nos actos estudantes que o mereciam, se reservaram para declararem no fim da formatura o verdadeiro conceito em que os tinham; ou que não quizeram ser injustos com elles,quando á opinião publica era facil apontar a mão que practicou a injustiça, e designar os motivos que a determinaram, preferindo desforçar-se, quando o podessem fazer impunemente; ou finalmente que modificaram o juizo que primeiro haviam feito d'esses estudantes, o que faz suspeitar que não empregaram todos os meios ao seu alcance para bem os conhecerem quando foram seus discipulos. Nenhuma d'estas hypotheses honra muito a universidade.

A concordancia entre as cartas e as informações significa, ainda que mais raras vezes, que se continuou n'estas o mesmo patronato que houve nas aulas e nos actos.

Não venham agora os defensores da universidade dizer-nos que são infundadas as arguições que lhe fazemos, nem attribuir á fallibilidade humana as faltas de que accusamos os seus membros. Mais que ninguem desejaramos nós não ter de que increpar o primeiro estabelecimento scientifico do nosso paiz; mas infelizmente temol-o visto practicar factos, que de modo algum podemos perdoar-lhe; e para que não se diga que nas informações costuma fazer-se inteira justiça, vamos citar alguns dos que sabemos.

No curso de direito que se formou no anno lectivo passado obteve boas informações um estudante, mui conhecido em Coimbra, que estava nas seguintes circumstancias: No primeiro anno teve uma distincção tão pouco merecida,que ninguem soube a que devia attribuil-a; no segundo fez uma frequencia menos que regular, e tão mal andou no acto, que antes da votação mandaram os lentes saber se effectivamente tinha sido distincto no anno anterior, sem o que teria levado um R; em uma das aulas do terceiro deu a peior lição, que n'esse anno houve em todo o curso; em algumas das aulas dos dois seguintes annos deu provas de uma intelligencia um pouco abaixo do ordinario. Em compensação d'isto, porém, tinha altas protecções e a certeza de ser despachado apenas concluisse a sua formatura. Escusado é lembrarmos aqui que nos despachos são tomadas em consideração as informações da universidade.

N'esse mesmo curso deixou de obter boas informações um estudante que em todos os annos fizera figura,a nosso ver, mais que regular, e que no acto de formatura se mostrara tão intelligente, que um dos arguentes, que nunca fôra seu mestre, declarou depois que o havia por muito melhor estudante que um dos quatro *accessits*, a cujo acto tambem fôra; e note-se que o lente que fez similhante declaração é competentissimo para julgar d'estas cousas. Como não vemos inconveniente algum em declarar o nome do estudante, a que estamos alludindo, e cujo merecimento a universidade galardoou com alguns SS, não duvidamos dizer que elle se chama Florido Telles de Menezes, e é natural do Porto.

Além d'estes, havia no mesmo curso alguns outros estudantes a quem a faculdade de direito não faria favor dando-lhes boas informações, e que levaram mais ou menos SS, sendo para notar que obtivessem informações redondas alguns individuos, que nunca ninguem se lembrou de considerar em circumstancias d'isso.

A terem de continuar as informações universitarias, é mister que todos os lentes se resolvam a votar n'ellas segundo os dictames da consciencia, e que no decurso do anno lectivo cada um faça todo o possivel por ficar conhecendo bem todos os seus discipulos, para que possam ajuizar d'elles com conhecimento de causa, quando para esse fim forem chamados pela lei.

Por em quanto dá-se ainda muita importancia ás informações, quando se tracta de despachos; e por isso as injustiças commettidas n'aquellas não só prejudicam os legitimos interesses dos candidatos aos empregos publicos, todas as vezes que ás habilitações legaes de uns não correspondam merecimentos reaes, que se dão n'outros, mas contrariam grandemente os direitos e conveniencias da sociedade, sempre que em vez de um funccionario intelligente e probo se lhe der um analphabeto, que se acha habilitado em forma.

No logar competente váe publicada uma correspondencia, que nos enviaram d'Arouca, na qual se fazem graves accusações ao sr. administrador d'aquelle concelho.

Não sabemos se são ou não verdadeiros os factos, que fazem objecto da accusação. A pessoa que nos remetteu a correspondencia alludida, merece-nos credito; mas por outro lado afiançam-nos que a accusação é extemporanea, por estar ainda pendente uma investigação a respeito do administrador accusado.

Não fazemos nossa a accusação, mas como é nosso dever fazer triumphar a verdade e a justiça, chamamos para a referida correspondencia a attenção do ex.mo governador civil d'este districto.

(CORRESPONDENCIA PARTICULAR.)

Coimbra, 17 de outubro de 1863.

(*Conclusão do numero antecedente.*)

Os oradores apresentando estes pontos, como de grande momento e dignos de discussão (e alguns o são realmente) mostraram-se todavia pouco habilitadss para fallarem sobre elles, omittiram alguns e tocaram outros levemente.

Academico como sou, posto que desconhecido e sem nome na universidade, trajando as mesmas vestes que traja uma corporação inteira, elemento d'ella e com as mesmas idéas de verdadeira liberdade, igualdade e fraternidade, que todos os meus irmãos dizem ter gravadas em seus corações, envergonho me todavia de lhes dar tal nome, quando vejo o modo indecoroso, a pouca decencia e seriedade com que *alguns* se conduzem em actos publicos, que demandam respeito e gravidade, principalmente quando o logar e o assumpto são já de persi graves e dignos de respeito. Os que vão a similhantes reuniões só por espirito de acinte,rebellião ou opposição, mettendo a ridiculo coisas serias,interrompendo as pessoas que fallam com ápartes,dando *pateada*, quando o orador não é da sua parcialidade, embora apresente pensamentos bons e alvitres muito rasoaveis e dignos de se aproveitarem, fallando sem estarem inscripto, e fazendo outros desaguisados d'esta ordem; os que lá vão com taes intenções, digo, fôra melhor que se deixassem ficar em casa.

E' por isso que estas reuniões vão caducando cada vez mais, e os mancebos mais competentes e habilitados para levarem questões d'aquella ordem á altura a que ellas devem ser lavadas, para bem se tratarem, não apparecem lá, ou se algum apparece, guarda silencio para não ver talvez escarnecido e ludibriado um nome, que tantos suores e lagrimas de sangue lhe tem custado a adquirir, entre os seus condiscipulos, amigos e mestres.

Faltando, pois, os mais habilitados, restam os menos competentes, que todos querem emittir a sua opinião, (e mal lhes vae ao seu credito, se a não emittem!) embora com tanto conhecimento de causa, como eu tenho do que se passa a esta hora no seio de minha familia.

A mocidade é assim. Imbuidos nas idéas do progresso e liberdade,abraçam qualquer principio, que se lhes apresenta como bom e novo, não interrogam a conveniencia ou desconveniencia da sua adopção, não discutem os meios da sua realisação, insultam o passado, escarnecem e manifestam odio arreigado e rancor profundo a tudo o que é velho, como se no passado e na velhice nada houvesse que aproveitar, como se ahi não houvesse lições que tomar, e conselhos que receber; como se o passado não seja um legado, que nos transmittiram nossos paes, e o presente não assente sobre elle, como o futuro deve assentar sobre o presente.

E' por isso que os que pediram a palavra e fallaram, deram como coisa averiguada, que alguns d'aquelles pontos acima mencionados eram por sua natureza cadaveres já muito velhos e putridos, a respeito dos quaes nada mais restava que ordenar-lhes enterro; e por isso os callaram; e que outros eram tão anti-sociaes, tão anti-liberaes e tão anti-politicos, que quasi não mereciam as honras da discussão; e por isso tocaram-os de leve e muito por alto; pelo menos assim me pareceu porque os seus argumentos não me callaram no espirito.

Creio todavia, que a academia aguarda melhor ensejo para tractar aquellas questões: mas aguarde ou não, eu prometto desde já dizer alguma coisa sobre algumas d'ellas na correspondencia seguinte, porque o meu pensar áquelle respeito é muito differente, senão do de toda, pelo menos do da maior parte da academia.

Até breve, pois.

FOLHETIM

Um alistamento entre os insurgentes polacos

Temos para nós que ha de lêr-se com grande interesse a narração que faz o «Czar» de Cracovia da admissão d'um voluntario polaco n'um corpo de insurgentes. E' extractada de uma carta d'um mancebo que, depois de ter combatido ou palatinado de Kowno entrou por acaso no destacamento commandado pelo sacerdote Mickiewicz.

Esta narração inicia nos na vida militar dos insurgentes polacos, na simplicidade dos seus costumes, assim como na grandeza da sua dedicação. *C. Ferrari.*

«...Depois de ter sido interrogado, examinado e escrutinado por muito tempo, fui finalmente levado á presença d'um homem que me devia dar os meios de me juntar ao destacamento. A minha entrevista com esse homem, que me pareceu ser um magistrado, mas que na realidade ignoro o que fosse, merece ser descripta.

«Figura-te um quarto pequenissimo n'uma aldeia visinha, com duas janellas pequenas deitadas sobre um jardim; o soalho coberto de juncos, os muros cobertos com um panno preto, e alli um crucifixo por baixo do qual se via um banco de madeira coberto com um pano de cavallo; no meio uma mesa simples de madeira, sobre a qual estavam alguns livros, um crucifixo e uma candeia, duas cadeiras, e eis em summa toda a mobilia.

Desde que entrei, depois de ter batido n'um vidro, conforme me tinham indicado, o dono da casa fechou a porta ao ferrolho sem dizer nada, apresentou-me uma cadeira, e examinou me por muito tempo com olhar escrutinador.

Era elle um homem pequeno, magro, tendo mas faces o rosado do thisico; nas suas feições inquietas divisava-se uma irritação febril; o olhar decidido e penetrante, a fronte elevada e coberta de rugas ainda que parecesse não ultrapassar os 30 annos.

Ao cabo d'um instante, disse-me:

—Quem és tu, cidadão?

Disse-lhe o meu nome; elle sorriu se e accrescentou:

—Que me importa o teu nome? pergunto quem tu és.

Respondi-lhe com a sanha que me tinham dado, e confessei-lhe todas as circunstancias pelas quaes passei desde a nossa expedição de janeiro, a principiar por Kampinos.

— O passado é puro; mas para que vieste tu aqui? Sabes o que te aguarda? Terás fome todos os dias, dormirás na pedra dura, marcharás mais vezes descalço do que calçado; se fores ferido, cahirás nas mãos dos moscovitas; se te acobardares, será o teu chefe quem te fuzilará.

— Sei isso tudo, e estou prompoto para tudo.

— Tens acaso uma familia? Escrevelhe para que d'antemão te chore; não ha licença nos nossos destacamentos se não para caminhar para o tumulo: não verás mais os teus. Dize, irmão, já te reconciliaste com Deus e com oss homens? Não te quero illudir, vais morrer.

«Dize, sem te vanglorear, estás prompto a morrer a cada momento pela patria?

«Reflexiona bem. é tempo ainda de recuar, facilitar-te-hei o regresso além do Niemen; lá, no teupaiz, o serviço é mais facil.

—A minha resolução é irrevogavel, cidadão Quando sahimos de Varsovia sem armas, sem vestidos proprios, no mez de janeiro, sabiamos o que nos esperava, e no entanto nenhum de nós hesitou.

—Cidadão, tu offendes-te sem rasão. Certamente, ninguem mais do que nós tem escutado com admiração as narrações da vossa heroica dedicação, n'esse nobre amor que tem feito e faz milagres; e certamente a ninguem mais do que a nós tem sangrado o coração quando sabemos que esses que marcharam contra os moscovitas de paus na mão, alguns mezes depois se refugiavam com armas na Gallicia. E' horroso, é horroso meu caro irmão! Ha entre vós uma dedicação e ardor immenso, mas falta-vos a perseverança: esqueceis que é uma lucta de gigantes, na qual é necessario que pereça toda a nossa geração, para remir as culpas de nossos pais e conquistar o direito d'existencia para as gerações futuras.

«E' por isso que te pergunto mais uma vez: Estás tu prompto a marchar ao combate, sendo certo que é necessario que pereças? Não voltará o momento da fraqueza, quando te recordares da bella Varsovia, de tua familia, quando a duvida tiver extinguido em ti o ardor, e despedaçado a esperança? Reflexiona porque é este o momento decisivo.

Em quanto elle fallava, pintava-se-lhe no rosto a resignação socegada dos martyres do Senhor; sentia eu instinctivamente que não eram sómente as palavras; que era a sua fé, e que só com essa fé é permittido entrar na ordem dos que combatem pela independencia. Mau grado meu, passava-se no meu coração uma lucta interior; no meu pensamento desenrolavam se os quadros da minha infancia, as imagens caras de minha familia e de meus amigos, e a nossa casinha de Praga, e os meus antigos sonhos d'um porvir tranquillo e laborioso, mas por outro lado, como uma arguição á minha consciencia, apresentavam-se á minha memoria as figuras luminosas dos nossos martyres, as terriveis recordações das carnificinas russas, todo o paiz innundado de sangue.

Parecia-me ouvir os queixumes das viuvas e dos orphãos, os gemidos surdos sahindo do fundo das masmorras e da Siberia, e uma dôr atroz comprimiu o meu coração. Córei de mim mesmo, de poder ainda hesitar, e de pensar em mim, quando tantos outros já assignaram com o seu sangue o acto da liberdade futura; dei um salto no banco, contemplei debulhado em lagrimas o Salvador crucificado, e disse adeus por uma prece silenciosa, a tudo o que é caro ao meu coração, e voltando-me para o meu hospede, disse-lhe com voz socegada:

—Irmão, estou prompto.

—Acredito te; jura, e marchemos.

Depois do juramento sahimos da casa para os campos, pelo jardim.

CONVENÇÃO CONSULAR

ENTRE

PORTUGAL E O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DA «CORRESPONDENCIA DE PORTUGAL»

(*Continuação do numero antecedente.*)

Artigo 10.º Os consules geraes e consules respectivos poderão estabelecer agentes, vice-consules ou agentes consulares nas differentes cidades, portos ou logares do seu districto consular, onde o bem do serviço que lhes está confiado o exigir, salvo, bem entendido, a approvação e o «exequatur» do governo territorial.

Estes agentes poderão ser igualmente escolhidos d'entre os cidadãos dos dois paizes, bem como d'entre os estrangeiros, e serão munidos de uma patente passada pelo consul geral ou consul que os tiver nomeado, e debaixo de cujas ordens elles deverão servir. Gosarão alem disso dos mesmos privilegios e immunidades estipulados na presente convenção em favor dos consules, salvas as excepções mencionadas no artigo 3.º

Art. 11.º Os consules geraes, consules e vice-consules respectivos, terão o direito de receber na sua chancellaria, no domicilio das partes, ou a bordo dos navios do seu paiz, as declarações e mais actos que os capitães e equipagens ou passageiros, negociantes ou subditos da sua nação quizerem ali fazer, inclusivamente os testamentos ou disposições de ultima vontade, ou quaesquer outros actos de tabellião, ainda mesmo quando os ditos actos tenham por fim conferir hypotheca.

Entretanto, quando estes actos se referirem a bens immoveis situados no paiz, onde reside o consul ou agente consular, um tabellião ou escrivão publico competente do logar será chamado para assistir á sua celebração, e assignal-os com o chanceller ou agente, sob pena de nullidade.

Art. 12.º Os consules geraes, consules e vice-consules, terão, alem d'isso, direito de lavrar em suas chancellarias quaesquer actos convencionaes entre os seus concidadãos, ou entre um ou mais d'estes e outras pessoas do paiz em que residirem, assim como qualquer acto convencional que interesse unicamente a subditos d'este ultimo paiz, comtanto que os mesmos actos se refiram a bens situados ou a negocios, que tenham de ser tratados no territorio da nação a que pertencer o consul ou agente perante o qual forem passados.

Os traslados dos ditos actos, devidamente legalisados pelos consules geraes, consules e vice-consules, e sellados com o sello official do seu consulado ou e vice-consulado, farão fé em juizo e fóra d'elle quer em Portugal quer no Brazil, e terão a mesma força e validade como se fossem passados perante tabelliães ou outros officiaes publicos, quer de um quer de outro paiz uma vez que estes actos sejam lavrados conforme as leis do estado a que o consul pertencer e tenham sido submettidos previamente a todas as formalidades do sello, registro, insinuação e quaesquer outras que regem a materia no paiz em que o acto tiver de ser cumprido.

Art. 13.º No caso de morte de um subdito de uma das duas partes contratantes no territorio da outra, as autoridades locaes competentes deverão immediatamente noticial-a aos consules geraes, consules ou vice-consules do districto, e estes por sua parte deverão communical-a ás autoridades locaes, se antes tiverem d'isso conhecimento.

Quando fallecer um subdito de sua nação sem deixar herdeiros, ou designar testamenteiros, ou cujos herdeiros não sejam conhecidos, estejam ausentes, ou sejam incapazes, os consules geraes, consules e vice-consules deverão proceder aos actos seguintes:

1.º Por os sellos ex officio, ou a requerimento das partes interessadas, em toda a mobilia e papeis do fallecido, prevenindo com antecipação d'este acto e autoridade local competente que poderá assistir a elle, e mesmo quando julgue conveniente cruzar os seus sellos com os que tiverem sido postos pelo consul, depois do que estes sellos duplicados não poderão ser tirados senão de commum accordo.

2.º Formar tambem em presença da autoridade local competente, se esta julgar dever comparecer, o inventario de todos os bens e effeitos que o fallecido possuia. Pelo que diz respeito ao processo tanto da apposição dos sellos que deverá sempre ter logar o mais brevemente possivel, como do inventario, os consules geraes, consules e vice-consules, fixarão, de accordo com a autoridade local, o dia e a hora em que estes dois actos deverão ter logar, prevenindo a por escripto de que ella passará recebido. Se a autoridade local se não prestar ao convite que lhe tiver sido feito, os consules procederão sem demora, e sem mais formalidade, ás duas operações já citadas.

3.º Os consules geraes consules e vice-consules farão proceder, segundo o uso do paiz, á venda de todos os bens moveis ou fructos da herança que se possam deteriorar; poderão administral-a e liquidal-a pessoalmente, ou nomear, sobre sua responsabilidade, um agente para a administrar e liquidar, sem que a autoridade local tenha de intervir n'estes novos actos, salvo se um ou mais subditos do paiz, ou de uma terceira potencia, tiverem direitos a fazer valer a respeito d'essa mesma successão. Porquanto n'esse caso, tendo o consul direito de decidir a questão, deverá esta ser levada aos tribunaes do paiz, aos quaes pertence resolvel-a, procedendo então o consul como representante da successão. Proferido o julgamento, o consul deverá executal-o, se não tiver por conveniente appellar, ou se as partes não se accommodarem, continuando depois com pleno direito á liquidação, que havia sido suspensa em quanto se aguardava a decisão do tribunal.

4.º Os consules geraes, consules e vice-consules serão todavia obrigados a annunciar a morte do individuo, de cuja successão se tratar, em um dos jornaes do seu districto; e não poderão fazer entrega da herança ou do seu producto aos legitimos herdeiros, ou a seus procuradores, senão depois de pagas todas as dividas que o defunto podesse ter contrahido no paiz, ou de haver decorrido um anno depois do dia da morte sem que se tenha apresentado reclamação alguma contra a herança.

5.º Fica além d'isso entendido que o direito de administrar e liquidar as successões dos brazileiros fallecidos em Portugal pertencerá aos consules do Brazil, ainda quando os herdeiros sejam menores, filhos de brazileiros nascidos em reciprocidade de egual faculdade que fica pertencendo aos consules de Portugal no Brazil de administrar e liquidar as successões de seus nacionaes em casos identicos.

(*Contnúa.*)

Conselho d'estado

Secção do contencioso administrativo

Recurso n.º 1:769 — recorrente a camara municipal do conselho de Benavente, recorrida a junta geral do districto de Santarem, relator o exm.º conselheiro Joaquim José Dias Lopes de Vasconcellos.

Sendo-me presente a consulta do conselho d'estado pela secção do contencioso administrativo, sobre o recurso n.º 1:769 interposto pela camara municipal de Benavente, da collecta que lhe foi lançada pela junta geral do districto de Santarem, para sustentação dos expostos e mais despezas districtaes, na importancia de 1:763$000 réis;

Mostra-se allegar a camara recorrente que é excessiva a mencionada collecta, por não estar em justa proporção com o rendimento predial e com o numero de fogos do concelho, resultando d'aquelle excesso não poder a camara occorrer a algumas despezas de obras publicas, que é obrigada a fazer, por não ser possivel augmentar os impostos e obrigações que pesam sobre os habitantes;

Mostra-se que o governador civil expõe na sua informação que a junta geral, na distribuição da quota para as despezas do districto e sustentação dos expostos, procedêra na conformidade da carta de lei de 30 de março de 1861, tomando por base a contribuição predial e industrial, segundo as respectivas matrizes, como se prova pela copia que remette da acta da sessão da junta geral em que se trata d'este objecto;

O que tudo visto:

Considerando que não se prova ter havido offensa de lei que justifique a competencia do recurso;

Considerando que das deliberações das juntas geraes, no exercicio das attribuições que lhes confere o artigo 216 do codigo administrativo, não ha recurso para o conselho d'estado senão nos casos expressamente declarados em lei;

Considerando que a citada carta de lei de 30 de março de 1861, regulando a execução dos n.os 4 e 7 do mencionado artigo 216 do codigo administrativo, não estabelece o referido recurso; e que a disposição do artigo 67 do decreto de 9 de novembro de 1853 é restricta á distribuição das contribuições directas do estado entre os concelhos dos districtos;

Hei por bem, conformando-me com a sobredita consulta, para a qual foi ouvido o ministerio publico, rejeitar o mesmo recurso, por illegal e incompetente, na conformidade do artigo 55 do decreto de 9 de janeiro de 1850.

O Ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço d'Ajuda, em 4 de setembro de 1863. = REI. = Anselmo José Braamcamp.

Está conforme. = Olympio Joaquim de Oliveira.

Está conforme = Secretaria do conselho d'estado, em 13 de outubro de 1863. = João Antonio Gomes de Castro, secretario geral supplente.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Feira, 18 d'utubro de 1863.

Só hoje tive occasião de ver que o n.º 1174 do «Campeão», vinha enriquecido com uma das melhores peças do Observador da Feira, em que elle, contando, inverte, para criticar a seu modo, factos que nós não occultamos, e que não estamos arrependidos de ter practicado, antes temos n'isso muita satisfação, e até orgulho, porque estamos no nosso direito de prestar os nossos serviços a um amigo em troca d'outros serviços; nem eu sei o que haja n'isto de estranhar-se; porque é esta uma condição tão necessaria aos homens, que sem ella não ha sociedade.

O observador chama a isto engraixar botas, o que me leva a crer que o homem escreve sobre a tripeça com a tinta do officio.

Agora, sr. Observador, permitta-me que lhe diga que teria grande difficuldade em achar palavras com que podesse exprimir o meu pasmo deante d'esse arrojo com que vem dizer na imprensa = que o lunch offerecido ao sr. José Luciano fôra dado á custa de uma finta derramada no concelho (quando todos sabem que foram alguns amigos que para isso se quotisaram), se de ha muito não soubera que o Observador procura a celebridade nos antros da maledicencia.

Admiremos agora o Observador fazendo seu rapapé ao sr. João José d'Azevedo, mimoseando-nos com o epitheto de ingratos, e vindo com a mais engraçada arteirice, no santo intuito de lançar a discordia entre os amigos do sr. José Luciano de Castro!!! Bravo, illustre Metternich dos tempos modernos!!

Se nos permitte que aprosemos dois mui conhecidos versos, dir-lhe-emos:

«Cesse tudo quanto a diplomacia antiga canta,
«Que outro diplomata maior se alevanta.

Sr. Observador sem observação, não vê que o sr. Azevedo é um dos amigos do sr. José Luciano, que seu filho foi um dos mais influentes para o lunch, e que elle não obra sem consulta e sem o consentimento de seu pae? Como quer pois que o sr. Azevedo tenha ciumes d'aquillo mesmo que elle approvou? Bem lhe conhecemos os fins, mas esteja certo que não é com essas que os ha de lograr.

Diz mais o Observador que o sr. Rufino é um administrador de theatro, e eu pergunto ao Observador onde está a pressão estranha, que venha coagir o sr. Rufino no desempenho das funcções de seu cargo?

Sr. Observador, quando se avançam asserções d'esta natureza, é necessario, absolutamente necessario, acompanhal-as logo dos factos que as comprovem, porque d'outra sorte ellas servem só para mostrar a indole abocanhadora de quem as escreve.

Recapitulemos concuindo. Patuscadas á custa do concelho já se fizeram em tempo.... O Observador sabe em que tempo foi, mas esse tempo não volta mais. Administradores ainda menos que de theatro (porque estes ao menos podem dispôr de seus ordenados) já os tivemos tambem, e dizem que voltam breve: veremos.

Estimaremos que as criticas tão mal pensadas do observador nos não obriguem a entrar mais seriamente em certas questões. Mas se assim o quizerem, depois não se queixem.

Sou, sr. redactor, da Maia, e não de Coimbra, seu amigo.

Nicolau.

Sr. redactor.

Figueira da Foz 15 de outubro de 1863.

Rogo a V. o distincto obsequio de dar publicidade pelo seu muito acreditado jornal, o «Districto d'Aveiro», ás seguintes linhas, pelo que lhe serei muito grato.

A indecente e immoral carta que o papel que aqui se publíca com o nome de «Figueirense», enseriu no n.º 8, e com que o papel e seus RR. se coroáram tão *condignamente*, não foi enserida sem previo conhecimento da redacção, a respeito do que peza toda a responsabilidade, principalmente, sobre o censor do mesmo papel.

A prova acha-se por duas formas:

1.ª pela introducção feita á carta alludida, que não póde deixar de ser considerada obra da redacção do papel.

2.ª, pelo silencio dos *Figueirenses* seguintes, no que são quedos e mudos.

D'aqui tirem a conclusão aquelles cavalheiros, que a respeito d'aquella carta stimagtisando-a, *disseram* por alguns dos jornaes que se publícam em Coimbra e que por consideração aliás immerecida, tentaram acobertar os RR. e o proprietario do referido papel, com o beneplácito — *que por certo não viram tal carta a tempo para a sua não publicação.*

Commente por consequencia o publico a civilisação, que assiste ao «Figueirense».

São convictos pois de que faltáram á decencia e á moral publica, e que desconhecem a alta missão do jornalismo.

Finalmente, não desvairam do thermometro que lhes vem de atrazadas éras, cuja origem capricham em manter para conservarem intactas *heranças*, com que tanto se *illustram*, e de cujos costumes e maneiras, são fieis imitadores.

Vindo-me n'esta occasião á mão o «Figuei-

A noite estava socegada; o cheiro dos trigos amadurecidos embriagava-me docemente; sentia-me ligeiro cheio de confiança. Depois de uma hera de marcha através dos trigos, descobrimos perto da floresta uma luz vacillante na janella d'uma cabana.

O meu guia gritou trez vezes, imitando o grito lastimoso do milhafre; do lado da cabana partiu em resposta um grito simílhante, e ao cabo de meia hora ou mais ouvimos passos furtivos; diante de nós apresentou-se um velho vestido de aldeão, trazendo um chapeu de palha, e saudou-nos com estas palavras:

—Que Jesus Christo seja louvado!

Depois de conversarem em voz baixa, o meu guia e eu dirigimo-nos á cabana; alli achamos roupa grosseira, botas, casacos e bonets, e tendo-nos disfarçado, proseguimos o nosso caminho. O velho conduziu nos através dos bosques murmurando algumas palavras em voz baixa.

Marchemos de gatinhas através d'espessas giestas, agarrando-nos á aba do casaco velho: a obscuridade era tal que eu não comprehendo como esse Lithuanio se dirigia n'esses logares sem estradas.

A nossa viagem durou duas horas, talvez mais; sei sómente, que quando chegamos a um claro bastante extenso, o dia começava a despontar.

— Paremos aqui, disse o velho, em meia hora chegam elles.

Elle deu alguns passos á rectaguarda, ajoelhou-se e começou a orar.

Menos de meia hora depois, do lado opposto do claro, ouvimos o ruido de ramos que desviavam, passos furtivos, e ao mesmo tempo o grito particular que servia de signal.

O velho correspondeu, e dentro em pouco de traz das arvores sahiram alguns homens que evidentemente formavam uma guarda avançada. Estavam todos vestidos de casacos pardos descendo só até ao joelho, com um cinto de coiro, um bonet quadrado, uma espingarda de caça de dois cannos, e uma machadinha na cinta: cada um d'elles trazia um sacco bastante grosso de fazenda grosseira, e uma corneta de caçador.

O velho e o meu guia aproximaram-se d'elles e fallaram juntos: eu conservei-me affastado. Em seguida deram um signal com a corneta e caminhamos, atravessando o claro da floresta, para o outro lado.

Da floresta sahiu uma linha de caçadores vestidos como os precedentes, á testa da qual estava um official, vestido com uma «czamarka» despedaçada, e esta linha foi caminhando em silencio para alem do limite do bosque.

Depois vinham columnas cerradas de caçadores, em numero de cerca de trezentos, e um cento de ceifeiros. Nada de carros nem de bagagens; levavam sómente em padiolas algumas caixas cheias, como eu soube mais tarde, de polvora e de cartuxos.

Tudo foi disposto por grupos no claro da floresta; accenderam-se fogueiras, e n'estas collocaram caldeirões para fazeram a comida: dispunham-se evidentemente ao repouso, mas tudo se fazia em tal silencio, que se diria um campo de mudos: eu estava pasmado, estando habituado ao tumulto dos nossos campos. Finalmente chegou o sacerdote Mackiewicz chefe do destacamento, trazendo uma sotaina cujas extremidades estavam levantadas, um sabre ao lado, e um rewolver á cinta: estava rodeado d'alguns jovens officiaes de czamarka: eram evidentemente o seu estado maior. Estavam todos a pé, nem um cavallo no campo: nada de provisões de bocca excepto o que cada um trazia no seu sacco.

O meu guia conduziu-me diante do chefe e apresentou-me a elle: contou-lhe todas as vicissitudes por que eu tinha passado, e por fim acrescentou:

— Chefe, julgo que é um bravo Mazovianno.

Durante este colloquio, pude examinar de vagar a expressão da figura do sacerdote Mackiewicz. O seu rosto tostado, as suas feições salientes, a sua longa barba escura, suas espessas sobrancelhas, a sua fronte enrugada formavam um conjuncto severo, cheio de energia e de força, que sem querer, nos infunde o respeito.

— Sabes atirar e obedecer, perguntou-me elle laconicamente.

— Sei.

— Minha mãe ensinou-me.

— Saberás tu morrer?

— Nunca fiz a experiencia.

— Está bem.

Depois voltando-se para um dos officiaes accrescentou:

— Conduze-o á sexta dezena; acolá, depois de Munulis (que Deus guarde a sua alma). Resta ainda uma espingarda; que o admittam ao caldeirão commum.

O official saudou-me e conduziu me á minha dezena que já estava em redor do fogo, e conversava em voz baixa.

— Cidadãos, eis aqui o vosso camarada, um Mazovianno das margens do Vistula: e eis ali o vosso chefe de dezena, accrescentou elle voltando-se para mim, e mostrando-me um homem d'estatura elevada, vestido com um cazacão como os outros, mas com o rewolver á cinta.

Começaram a fazer-me perguntas sobre Varsovia, Langiewicz e outros chefes; a conversa estava animada, e eu achava-me bem no meio d'elles. A nossa dezena compunha-se de quatro aldeões d'Ignacowo, de tres burguezes de Poniewicz, do filho d'um rico proprietario do districto de Szawle, d'um pedagogo de Kowno e de mim. Soube que elles fazem todas as suas excursões e os seus ataques durante a noite, e de dia repousam se os Moscovitas os não perseguem.

Na noite precedente tinham andada quatro milhas, e era por isso que se propunham a passar todo o dia no bosque.

O sol tinha nascido quando se ouviu um assobio, e immediatamente a voz de: «á oração.»

Era uma quadro magnifico o que apresentaram algumas centenas d'esses homens experimentados nos combates, ajoelhados e descobertos.

Diante de nós, diante da cruz, e da imagem da mãe de Deus, representada pelo estandarte, estava de joelhos o sacerdote Mackiewicz, que entoou o cantico:

«Kiedy ranne wstajo zorze...»

Em volta de nós as nossas florestas nataes, e nossas fortalezas: por cima de nós Deus e o nosso futuro

(*Espirit Public.*)

(*Jornal do Porto.*)

rense» n.º 10, papel que admittiu em suas columnas uma carta que offendeu a moral publica, e lendo a analyse que a sua redacção faz á correspondencia tão justa como leal e franca do feitor da barra da Figueira, como são todos os seus escriptos os quaes timbram de urbanidade; e como seja licito a todo o homem expender a sua opinião, a respeito da questão que é do dominio publico; usando pois desse direito, permitti, injustos, vos diga que bem immerecidas são essas expressões acres e violentas, que lhe dirigis. O silencio por uma parte, e a opinião publica por outra, vos ferem gravemente. A victoria que tanto anceiaes, ninguem vo-la disputa. D'essa analyse que tanto revella, em vez de generosidade, rancor, vos diremos que parece incrivel o terdes coragem para escrever que *a correspondencia ou os actos do illustre aggredido offendem a moral publica* (! ! !)

Pela publicação da alludida carta no n.º 8 do vosso papel, vós perdestes para sempre o direito de accusar outrem d'esse escandalo, quando mesmo o praticasse, o qual nunca poderá sahir da modesta penna da vossa victima, que não podeis ferir.

O vosso conceito na questão da barra, está formado.

Tendes uma coragem que surprehende; um cynismo sem limites, a que juntaes uma audacia collossal. E' por isso que, com o maior descommedimento e menos seriedade vindes tambem dizer que á correspondencia do sr. Silva devia ser negada a sua publicação por se achar *concebida em termos inconvenientes e insultantes* (! ! !)

Por piedade calai-vos, por que vos confundis completamente, mettendo os pés pelas mãos, se por ventura a maldade vos não guiar.

Pois não sabeis que, pela publicação da carta immoral, que se lê no n.º 8 do vosso papel, que tanto offendeu a decencia publica, e pela qual fostes stigmatisados pelos jornaes e pelos proprios filhos da Figueira, o qual papel tiveram de retirar de suas familias, que sois aquelles a quem sobre pontos de tal ordem devieis emudecer, sempre que se tracta de censurar?! Mas não o fareis, por que o vosso mau vicio o não permitte talvez, e como tagarellas creanças, caminhaes nas discussões com a prudencia e circumspção, que ficam demonstradas.

Effectivamente daes de vós realidades, que ainda depois de lidas, parecem illusões.

Que contrasenso é o vosso!

A noticia que daes no appenso ao n.º 10 do vosso papel, de baixo da epigraphe—falsa propaganda—e sobre que dizeis maravilhosamente como sempre, onde a graça e o chiste tanto brilham e onde *Taborda* ficaria suplantado, a não ser um sonho, só tivestes por fim inculcarvos e ao vosso «Figueirense», como objectos primorosos, e como ninguem vos confere as honras que ambicionaes, vindes n'essa negra escuridão procurar albergue perante aquelles, que vos não conhecem, qual mendigo inculcando-se em terra estranha um grande homem e desventurado descendente d'avós illustres, para assim correr melhor em seu auxilio a caridade publica.

Fizestes uma estrada que só a vós é permittido pizar, a camaradagem não sóbe de numero, apezar dos vossos desejos, e das vossas instancias.

Terminando, cumpre-me dizer pela voz da minha consciencia, e como filho d'esta terra, que nenhum funccionario publico recebeu por seus bons feitos uma injustiça tão atroz, e inqualificavel, como o sr. Francisco Maria Pereira da Silva, a quem deveramos todos venerar pelos melhoramentos que, á custa de uma vontade sem igual, e de um zêlo grandioso, deixou bem patentes, e de que nunca se apagará a memoria, os quaes melhoramentos nos não é permittido negar, e muito menos mal-dizer, para não pezar sobre nós o ferrete de calumniadores e ingratos: todavia, quando mesmo fossem certos os desperdicios por vós apontados, jámais nos seria licito o designal-os, porque deveramos ser os ultimos a fallar; porém infelizmente, para vergonha eterna da nossa terra, além de trez individuos de fóra que estavam debaixo da auctoridade do feitor da barra, e de quem receberam toda a casta de consideração e confiança, é certo que n'esse quadro de injustiça e ingratidão, se vêem representados filhos da Figueira, ao tempo que o maior numero, e a grande reunião de individuos de fóra que nos trez mezes de banhos de mar aqui veem, bem-dizem, e á porfia, esses melhoramentos que são a corôa soberba do homem que a deixou. Tentar destruir essa corôa é baldado intuito, porque ella resiste gigantemente á aggressão inaudita pelo facto de que esta vem de origem politica exclusivamente, e que vós não negaes nem podeis negar; procuraes alicerces que ao mais pequeno encontro estão por terra.

Taes obreiros, taes obras.

Sois um relogio de repetição, cujas horas só a vós servem, e a ninguem mais aproveitam: são trastes muito antigos que já se não apreciam.

E' difficil, se não impossivel, e menos airoso, o sustentar uma causa má em todas as suas fórmas, como é a que seguis.

Chamaes aos outros o que vós sois — imputaes-lhes os vossos defeitos.

Sancto Deus, quem quererá sustentar comvosco uma questão sisuda e grave!

Préso-me ser com toda a consideração

De V. etc.

José Xavier.

Sr. redactor.

Algures d'Arouca, 20 de outubro de 1863.

Li um d'estes dias no n.º 1175 do jornal o «Campeão» um artigo ou correspondencia, em que se pertendia defender o actual administrador de Arouca, Antonio Augusto Pinto de Magalhães; meia duzia de palavras, quatro phrases encomiasticas em defeza da ignorancia e do crime, causam riso e asco a quem conhece o homem que desgraçadamente ainda está á frente d'um concelho digno de melhor sorte; mas não admira que tenha como defensor o «Campeão das Provincias», era d'esperar esta protecção, mas veio mais tardia do que suppunhamos, e compraz-nos que chegasse a tempo de nos levar a mostrar ao publico quem é o tal administrador, que sem duvida é digno dos seus defensores assim como os defensores são dignos do protegido.

Mas sentimos que apenas se utilisassem de lugares communs e não tratassem de provar que eram menos exactas as accusações, e como está incompleto o elogio, pertence-nos a nós o concluil-o.

Não precisamos recorrer presentemente ao testemunho do sr. Borges de Castro, administrador muito digno da Villa da Feira, nem provocar a publicação immediata do seu relatorio que, attendendo á rectidão de seu caracter ha de consubstanciar a prova legal e moral de quantos factos foi accusado o administrador do concelho de Arouca; e diremos só em abono d'esta auctoridade tão *honesta* e bem quista dos redactores do «Campeão» que faltou, para complemento de tanto encommio, dizer que o administrador é inepto, e a desordem em que o administrador syndicante achou a secretaria e os papeis é uma prova da verdade.

Segundo, que o admidistrador está incurso no crime de falsificação dos cadernos do recenseamento para substrair os seus *afilhados* ao pagamento do tributo de sangue, mandando em logar d'estes os supplentes e servindo se d'aquelles como *seus criados*.

Terceiro, que o administrador em certa época lançou uma derrama á freguezia a pretexto de pagar á policia!!!

Quarto, que encontrando livros falsificados não mandou proceder, incorrendo nas penas do codigo.

Quinto, vexando e opprimindo com a força d'uma estupidez morasmada os povos, querendo tirar vinganças mesquinhas e pequenas como elle.

Basta por hoje; mas pedimos ao «Campeão» que junte ao seu elogio mais estas virtudes do seu afilhado. Isto não é uma accusação vaga, mas provada por documentos e testemunhas, que as taes protecções que tanto fallam em poderio, não poderão subornar, e cremos que tambem não torcem nem a independencia do syndicante nem a do digno governador civil do districto.

Sabemos que se têem empregado todos os meios de protecção, que cahiriam só deante das *proprias confissões do administrador nos seus artigos de defeza*, sem serem necessarios os depoimentos das pessoas mais respeitaveis do concelho.

Sr. governador civil, temos direito a esperar que v. ex.ª não faça côro com os protectores d'uma auctoridade tão amesquinhada no recinto da immoralidade.

* * *

EXTERIOR

Quando a Polonia, cançada de supportar o jugo tyranico dos moscovitas, ergueu altiva o collo, e despedaçando resolutamente as algemas que lhe apertavam os pulsos, as converteu em armas, com que conquistasse a sua independencia, as nações poderosas da Europa pareceram applaudir á uma tão arrojado, quanto louvavel commettimento, e a causa da Polonia pareceu ser esposada por todas ellas; e, a fazer-se obra pelo resultado das primeiras impressões produzidas pelas calamidades que a principio opprimiram os infelizes polacos, a guerra devia em breve terminar favoravelmente para elles.

Abriram-se por toda a parte subscripções, cujo producto reverteria em favor das familias polacas, victimas das desgraças que de ordinario acompanham a guerra; as potencias europêas sentiam-se muito propensas a patrocinar a nação opprimida, que estava sendo objecto de geraes sympathias; de todos os lados appareciam signaes de adhesão á causa polaca; o proprio Garibaldi, esse grande vulto do seculo, sempre disposto a abraçar a causa da liberdade contra a tyrania, onde quer que esta se manifeste, o homem singular, que tantas vezes tem exposto a vida no campo da batalha em prol da liberdade e independencia de differentes nações; o proprio Garibaldi, dizemos, do alto do rochedo que lhe serve de exilio voluntario, convidou as nações da Europa a soccorrerem a Polonia, e supplicou-lhes que não desamparassem a escrava que tão denodadamente luctava para reconquistar a liberdade.

Confiou-se a principio muito no resultado das negociações diplomaticas, deu-se demasiada importancia á condolencia produzida em differentes governos e nações pelas primeiras catastrophes, que soffreram os polacos; não se attendeu a que o effeito d'essas impressões havia de necessariamente diminuir com o andar do tempo, nem se levou em conta a politica astuciosa e mechiavelica do governo moscovita.

Vão uns após outros decorrendo os mezes, em breve será passado um anno depois que começou a guerra da Polonia; cresce de dia para dia o numero de actos de horrorosa barbaridade practicados pelos russos contra os desventurados polacos, que parecem resolvidos a resistirem até ao ultimo; e entretanto as potencias occidentaes da Europa, aquellas que tanto mostravam sympathisar com a causa da infeliz Polonia, assistem impossiveis áquelle desesperada lucta, e contentam-se com trocarem notas diplomaticas, sem darem esperanças de passar d'ahi!

A questão polaca, sem dúvida a mais interessante de todas as que actualmente se agitam na Europa, promette durar ainda muito tempo, se as grandes potencias europêas se não deliberarem a occuparem-se d'ella com a diligencia e acvidade que merece, e a terminarem o continuo sobresalto, em que estão todos os que verdadeiramente se interessam pela sorte da Polonia.

— Por um telegrama de Pariz, com data de 13 do corrente, sabe-se que morreu Mr. Billault, o ministro d'estado que melhor mostrava comprehender a politica imperial, pelo bem que sabia traduzir no parlamento, como disse, elogiando-o, o proprio imperador. Não se sabe por ora quem virá a substituil-o, mas indigitam para isso Ronher e Baroche.

Um outro telegrama d'aquella capital, de 15 do corrente, diz que o imperador receberia na sexta-feira ou sabbado a deputação mexicana.

— Os acontecimentos politicos de Hespanha estão nos a cada passo demonstrando que a liberdade n'aquelle paiz não passa de uma ficção, e as formas constitucianaes de uma farça ridicula.

As medidas rigorosas adoptadas pelo gabinete Miraflores fizeram com que o partido progressista se abstivesse de ir á urna; em consequencia do que o governo venceu as eleições em Madrid, e crê-se que as terá vencido por toda a parte.

A *abstenção* do partido progressista hespanhol significa um protesto contra a politica do actual gabinete; e é de crer que esse protesto venha a produzir, tarde ou cedo, os seus effeitos.

A pasta da fazenda passou ás mãos de D. Victorio Fernandes Lascoiti, que foi substituir Moreno Lopes. O novo ministro era director da divida publica. Dizem que não é homem politico, mas que é muito entendido em finanças, que constituem a sua especialidade.

D. Victorio havia sido deputado em differentes legislaturas.

Esperava-se em Madrid no dia 19 a imperatriz dos francezes. Estavam-se fazendo preparativos para que a recepção fosse digna de tão illustre personagem.

Extraimos o seguinte dos jornaes estrangeiros:

Londres 12. — O imperador Napoleão convidou o rei Jorge para habitar nas Tulherias durante a sua permanencia em Paris. S. M. Hellenica aceitou, mas conservará o incognito sob o titulo de conde de Fiomia.

Vienna 12. — O «Bortschafter» pretende que a Inglaterra e a França accordaram enviar notas a S. Petersburgo, declarando a Russia decahida dos seus titulos sobre a Polonia, e que deram conhecimento d'isto ao gabinete de Vienna. Parece, diz o mesmo jornal, que tem havido negociações em Vienna com o fim de manter o accordo que havia até agora para uma acção commum. Em consequencia d'estas negociações as notas não teriam sido enviadas a S. Petersburgo, e contentar-se-hiam em formular uma demonstração.

Vienna 12. — O «Bortschafter» exprime-se d'este modo:

«A principal preoccupação das tres potencias n'este momento é combinar n'uma manifestação menos theorica, mas implicando uma acção seria efficaz. O fim da Russia é enfraquecer ou destruir as sympathias do gabinete pela causa polaca; d'aqui os boatos habilmente propagados sobre o caracter revolucionario do governo nacional de Varsovia, motivado pelas mudanças sobrevindas no seu seio. E' evidente todavia que a insurreição deve aproveitar-se de todas as forças nacionaes disponiveis, e que não póde ser muito escrupulosa na escolha das pessoas mais ou menos agradaveis aos gabinetes. E' todavia de prevêr que continuando o systema russo da barbaria, se manifestem na Polonia elementos verdadeiramente revolucionarios. O momento actual é pois d'uma grande importancia, as potencias devem-se decidir por uma acção energica, se querem impedir que a revolução se apodere do movimento nacional da Polonia.

Paris, 14 de outubro—O imperador dirigiu cartas aos embaixadores em Londres, Lo Tour d'Auvergne; ao sr. Sartiges, em Roma; ao barão de Malaret, em Italia; e ao sr. Ferrier Lerayer, na Belgica, reconhecendo a sua grande adhesão á causa publica.

As ultimas noticias de Vera-Cruz alcançam ao dia 12 do mez passado. A população de Chiota tinha-se pronunciado a favor dos francezes.

—Telegrammas publicados pela «Patrie:»

Roma, 13 de outubro—O rei da Baviera, que saíu de Marcelha a bordo do vapor «Bastia,» foi obrigado, em consequencia do mau tempo, a desembarcar hontem em S. Stefano, d'onde, por terra, se dirigiu para Civitta Vecchia. Sua magestade chegou a Roma esta manhã.

Londres, 14—O rei dos hellenos saíu de Londres esta manhã, em direcção a Paris, pelo caminho de Douvres. Sua magestade deve chegar esta tarde a Paris.

Hontem effectuou-se em Aberdeen a inauguração do monumento erigido ao principe Alberto. A rainha assistiu á ceremonia.

Suez, 11—Ha noticias de Bombaim, que alcançam a 27 de setembro. As perturbações annunciadas na fronteira norte não têem a menor gravidade.

O algodão subiu de preço.

Baden, 13—O rei da Prussia acaba de partir para Colonia.

O sr. de Bismark saíu igualmente de Baden, indo directamente para Berlim.

NOTICIARIO

Como se chama o principe.—Ao principe real foi posto o nome de Carlos Fernando Luiz Maria Victor, além dos demais, que é costume usarem as pessoas reaes de Portugal, e a que só accresce o appellido de Saboya.

Ouvimos que no Porto, os paes de todas as creanças nascidas no mesmo dia, em que veio ao mundo o principe real, determinaram baptisal-os no mesmo dia que S. A., e pôr-lhes o mesmo nome. E' provavel que lhes causasse desarranjo o não se saber immediatamente no Porto o nome do principe.

Caridade.—O sr. João José dos Reis, de Mathosinhos, retirando-se ha pouco para o Rio de Janeiro, onde é commerciante, mandou que o rendimento das suas terras, que este anno andou por 600 medidas de pão, fosse distribuido pelas familias necessitadas da sua freguezia.

Affirma o «Diario Mercantil» que o sr. Reis distribuiu por algumas familias honestas e necessitadas esmolas de trez, quatro, e cinco libras.

Folgamos de registar occões d'estas, que tanto enobrecem a quem as practica.

Oxalá todos fizessem tão bom uso da fortuna que Deus lhes dá.

Bispos.—Diz a «Nação» que S. Santidade o papa Pio IX, em consistorio secreto celebrado no Vaticano no dia 28 de setembro, preconisou bispo de Faro o ex.mo sr. D. Ignacio do Nascimento Moraes Cardoso, conego da patriarchal de Lisboa e bacharel formado em theologia pela universidade de Coimbra; e que em consistorio celebrado no 1.º do corrente transferiu da sé episcopal de Beja para a de Lamego o ex.mo sr. D. Antonio da Trindade Vasconcellos Pereira de Mello.

Perda para a sciencia.—Acaba de fallecer o sr. Jeronymo Rodrigues Ramos, moço esperançoso, que ha um anno concluíra, com muito lustre, a sua formatura na faculdade de mathematica da nossa universidade, tendo, além d'isso, frequentado a maior parte das cadeiras de philosophia.

O sr. Rodrigues Ramos era natural de uma aldêa proxima de Caminha. Descendia de paes remediados, que conhecendo o talento de seu filho, o mandaram estudar em Coimbra, com o fim de se formar em theologia, segundo ouvimos, e de seguir a vida ecclesiastica. O mancebo, porém, sentindo se inclinado ás sciencias naturaes, matriculou-se em mathematica e philosophia; e dizia se em Coimbra que seus paes estiveram por muito tempo persuadidos de que elle estudava theologia, e viria a ordenar-se.

Não se enganára Jeronymo Rodrigues Ramos, quando se convenceu de que as sciencias naturaes eram aquellas, para as quaes o impellia uma decidida vocação; em mathematica e philosophia, foi sempre premiado, e sempre considerado não só como o primeiro estudante dos cursos a que pertencia, se não tambem como uma das maiores capacidades que ha annos haviam apparecido n'aquellas faculdades.

Escaceavam a Rodrigues Ramos os meios de fortuna; e por isso, logo no seu primeiro anno de universidade deu-se ao trabalho de leccionar em mathematicas elementares alguns estudantes de preparatorios. A um dos seus leccionados, então nosso condiscipulo, ouvimos nós dizer que se vira obrigado a deixal-o, porque a sua explicação era tão prolixa e, por assim dizer, tão torrencial, que punha em confusão a intelligencia dos principiantes, com quanto devesse aproveitar, e muito, a quem não fosse já hospede nas materias explicadas.

Mais tarde leccionou em differentes annos mathematicos, para o que os seus mestres o declaravam muito habilitado, e d'isso, principalmente, tirava os meios de subsistencia.

Jeronymo Rodrigues Ramos era dotado de um talento muito acima do commum, e auxiliava-o com um estudo aturado, que a sua debil compleição não comportava.

Convidado, segundo cremos, pela faculdade de mathematica, foi matricular-se no sexto anno, resolvido a doutorar-se; mas em breve se lhe desenvolveu uma affecção pulmonar, que o obrigou a abandonar completamente os livros e o projecto de doutoramento, suppondo que assim poderia ainda recuperar a saude perdida.

Ha dias veiu uma folha portuense noticiar-nos a sua morte. Sentimol-a deveras, porque, além de tudo, Rodrigues Ramos era, ao que nos parecia, um d'estes homens a quem não torna orgulhosos a consciencia do seu talento e saber; não procurava, como muitos outros, todos os meios de se fazerem conhecidos. No modo acanhado e modesto de se apresentar em publico ninguem adivinharia o grande genio que Deus lhe dera, e que elle não tractava de apregoar. E' para nós de fé que a universidade viria a ter em Rodrigues Ramos um dignissimo ornamento.

Em paz descance sua alma.

Provavelmente é pêta. — Foi dito ha dias a um amigo nosso que parece estarem finalmente resolvidas as difficuldades que obstavam a que se abrisse á exploração a linha ferrea do Porto a Coimbra.

A pessoa que o disse, deve ter rasões para o saber; mas nós temos visto ficar mentirosas tantas promessas e noticias a respeito de abertura de caminhos de ferro á exploração, que fizemos tenção de não nos tornarmos a fiar em nenhuma.

Acreditem os leitores, se quizerem; nós só acreditaremos que possa ir d'aqui pela via ferrea ao Porto ou a Coimbra qualquer mortal que não tem a ventura de ser empregado, ou amigo de empregado da companhia constructora, quando soubermos por experiencia propria ou alheia, que para isso basta comprar um bilhete e apresentar-se a gente á hora marcada para a locomotiva partir. Em quanto não fizermos ou virmos fazer isto, duvidaremos sempre. A respeito da abertura dos caminhos de ferro do norte, *estamos exactamente como S. Thomé.*

O rabo da raposa. — Deu se ha pouco ahi para as proximidades das minas do Palhal o seguinte facto: Conseguiram uns rapazes matar uma raposa, e em seguida appareceu um inglez que lha comprou, provavelmente para lhe aproveitar a pelle. Os rapazes, além da quantia offerecida pelo inglez, exigiram d'este a permissão de irem percorrer com o animal os logarejos circumvisinhos a fim de junctarem algumas esmolas, como costumam fazer nas aldêas em taes casos. Consentiu o inglez, e ahi começam os rapazes a sua peregrinação, pedindo aos lavradores o premio da sua coragem. Mais adiante apparece-lhes outro inglez, que não podendo comprar a raposa, quiz ao menos ter o gosto de lhe ficar com o rabo. Annuiram os rapazes.

— Então quanto hei de eu dar pelo rabo da raposa? pergunta o inglez.

—Hade dar-nos tres vintens, respondeu um dos rapazes.

— Não, senhor, acóde o outro companheiro, que pelos modos entendia pouco de dinheiro, o rabo da raposa não fica por menos de um pataco.

— Pois seja por um pataco, tornou o inglez.

Feito o ajuste, cortou-se o rabo do animal, e os rapazes proseguiram no seu peditorio, concluido o qual, voltaram a entregar a raposa a seu dôno.

— Então que fizeram do rabo da raposa? perguntou zangado o inglez, dando pela falta.

— O rabo, senhor, vendemol o a outro sujeito que além encontrámos, persuadidos como estavamos de que o animal não ficaria defeituoso sem elle.

Tendo sabido quem era o comprador do rabo da roposa, e fazendo com que os rapazes declarassem deante de testemunhas que lhe haviam vendido inteiro o animal, tractou o inglez de ver se o seu compatriota queria restituir-lhe ás boas o objecto comprado a quem já o não podia vender; e esgotados inutilmente os meios diplomaticos, foi-se ter com um advogado para intentar judicialmente a questão, protestando que o rabo da raposa ha de sair caro ao seu injusto possuidor.

Não sabemos bem em que juizo corre este *importante pleito*, em comparação do qual fica a perder de vista a questão das *trez cabrinhas*, mettida a riso por Marcial em um de seus bellos epigrammas.

Excentricidade de que não for capaz um inglez, é escusado esperal-a de mais ninguem.

Mercado. — Teve logar no dia 21 do corrente o mercado mensal da Oliveirinha, que n'este dia costuma ser muito concurrido, por ser a chamada feira de anno.

Consiste principalmente este mercado em gados cavallar, bovino e suino.

Houve poucas transacções sendo a mais importante a compra que o sr. Branco de Mello fez d'um cavallo por vinte e tantas libras, tendo antes este sr. effectuado a venda d'uma egua para esta cidade, por uma somma um pouco mais elevada.

Affluiram bastantes cevados que tiveram pouca procura, e venderam-se por preços favoraveis, em rasão dos compradores receiarem pela conservação da carne, em consequencia do muito calor que tem feito n'estes ultimos dias.

Presente regio. — No vapor de Saint-Nazaire chegado a Lisboa veio o cavalheiro Roveda, official ás ordens de S. M. El-Rei Victor Manuel, sendo portador de valiosos presentes para S. M. a Rainha de Portugal, sua filha, e para seu neto o principe recemnascido.

Estes presentes sobem ao valor de 14:000$ réis.

É bom prevenir.—Em um dos primeiros dias da semana passada estava para se julgar no tribunal d'esta cidade uma causa de policia correccional, em que os réus e testemunhas eram todos d'Eixo. Faltando, porém, uma testemunha da accusação ficou addiada a causa, e a testemunha, que era uma mulher já velha, foi mandada buscar em custodia.

Quando a mulher partia para Aveiro, já a tinha precedido uma carta de recommendação, em que se pedia todo o favor para a pobre velha. O protector satisfez bem ao que lhe pediram, por que quando o official de diligencias chegava com a mulher a esta cidade, disse-lhe que ella ficava em sua casa (do protector), sob sua responsabilidade, e que no dia seguinte se apresentaria no tribunal para depôr (parece que o dia immediato era o novamente designado para julgamento da causa). O official *obedeceu*, e no seguinte dia a mulher appareceu com effeito no tribunal.

Isto não teve inconveniente algum, segundo cremos, mas podia tel-o. O official não podia fazer o que fez, e nós prevenimos d'isto as auctoridades competentes, pedindo-lhes que tomem providencias, para que o seu silencio não dê anso a similhantes condescendencias, que pódem ás vezes ter maus resultados.

Tempo.—Tem estado magnifico n'estes ultimos dias o tempo; mas hontem de tarde começaram a apparecer nuvens, e ás dez horas da noute caíram alguns pingos de chuva. Hoje a manhã appareceu tambem nublada, e os entendedores dizem que não passarão muitos dias sem que caia mais agua. A chuva agora vem prejudicar muito as colheitas dos nossos campos.

CORREIO

Principiámos a revista do nosso numero passado fallando do novo emprestimo de dois milhões e meio de libras, contrahido em Londres pelo sr. ministro da fazenda, e não fomos fóra da verdade suppondo que a folha semi-official não se demoraria em vir desaggravar o sr. ministro das accusações que lhe eram dirigidas pelos jornaes da opposição.

Para não tirarmos o interesse ao artigo do «Progressista» de 18, publicado em resposta áquelles jornaes, damol-o em seguida, para que os nossos leitores conheçam a falsidade da imprensa que guerreia o ministerio, que accusa sem provas e condemna sem fundamento:

«Podemos afiançar que o governo ha de publicar conveniente e opportunamente o contrato do emprestimo com os documentos que lhe dizem respeito, e então se verá que é destituido de fundamento quanto a opposição está escrevendo.

Se ha explorações politicas, interesses e pretenções despeitadas, proposito de insinuar contra a honra dos ministros, e de desvairar o espirito publico; deixar correr a injustiça e o desvario até que o paiz conheça e avalie os factos, e adquira mais uma lição das intenções e do modo por que a opposição só sabe tratar as cousas publicas.

Nenhum governo como este tem manisfestado o seu espirito verdadeiramente liberal, e a coragem da responsabilidade dos seus actos dando publicidade pela imprensa periodica a todos os documentos que as conveniencias do serviço não impedem de publicar-se. Isto só auctorisava a esperar-se que o sr. ministro da fazenda se não recusaria a fazel-o agora.

Mas porque a opposição conta com a publicação dos documentos relativos áquelle operação, vae-se antecipando com discussões e insinuações injuriosas que diante dos documentos lhe ficarão prohibidos.

Desgraçado sestro, e triste politica que precisa, e não pode alimentar-se senão d'estes meios, a que não podemos deixar de chamar improprios de partidos illustrados, e indignos para homens ou facções que aspiram ao poder, onde se não chega assim.

Diga-nos a opposição, com que precedentes se auctorisa para exigir a publicação extemporanea, e mesmo temporanea de actos d'esta ordem. Digna-nos quando os publicou, porque será bom que o paiz saiba se a opposição costumava praticar o que hoje exige.

Não o fazia, e por isso a actual situação se destingue radicalmente da opposição.

Como dissemos, o contrato do emprestimo e os seus respectivos documentos hão de ser publicados opportunamente; e por agora só perguntaremos qual será mais suspeito, se o ministro por ter realisado uma operação financeira, e em quem se deve suppôr amor da sua gloria e reputação, se os despeitados por quanta proposta desarrasoada lhes não foi attendida, ou os que querem especular com tudo e por tudo uma politica desbragada e incontinente?»

O correspondente em Lisboa do «Diario Mercantil» diz que por telegramma vindo de Londres se sabe que o novo emprestimo portuguez está todo subscripto, com espantosa affluencia, tendo-se vendido as cautellas a um e meio por cento de premio.

Registramos com prazer esta noticia, que prova o estado lisongeiro do nosso credito e o bom conceito que goza o gabinete actual.

Effeituou-se no dia 19 o baptisado do principe recem-nascido, recebendo o real neophyto o nome de Carlos Fernando, cumprindo-se d'este modo o pensamento de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz que quiz honrar seu avô o Rei Carlos Alberto, e seu pae El-Rei o sr. D. Fernando. Já em outro numero tivemos occasião de alludir a esta nobre idêa de El-Rei.

Os jornaes de Lisboa chegados hontem descrevem minuciosamente as explendidas ceremonias d'aquelle dia, e nós para darmos d'ellas conhecimento aos nossos leitores transcrevemos em seguida o que sobre o assumpto diz a «Revolução de Setembro:»

«Terminou agora a grande festa do baptisado do herdeiro da corôa, festa duplamente alegre e profundamente jubilosa porque assegura á nação dias de paz e felicidade á sombra do estandarte liberal que hoje tremula junto ao berço do recem-nascido, neto da primeira rainha constitucional. O enthusiasmo publico foi grande como é sempre nas supremas occasiões. O dedo da fatilidade pesára sobre os destinos d'esta nação, arrebatando-lhe um monarcha querido e dois principes esclarecidos, e ameaçando-a de deixar o throno sem successão. Foi grande a desgraça. Foi amarga a provação; mas após ella um anjo de felicidade refugindo dos bellos jardins de Italia vem pousar sobre o throno de Brangança, e limpar as lagrimas do povo, offerecendo-lhe agora o tenro infante que acaba de receber as agoas do baptismo e que um dia, querendo a Providencia, ha de ser um seguro sustentaculo das liberdades patrias.

A festa foi cheia de esplendor e megestade.

O prestito real saiu do paço da Ajuda com todo o ceremonial prescripto no programma em direcção ao templo de S. Domingos, atravessando com difficuldade as alas que formavam as tropas das guarnições comprimidas pelas massas do povo, que se agitava ancioso e alegre nas ruas do transito.

Em seguida ao grande piquete de cavallaria que abria o cortejo, iam os porteiros da canna, os reis das armas, arautos e passavantes precedidos pelos moços da estribeira, após os quaes desfilavam os riquissimos coches da real casa com os officiaes móres e as pessoas da côrte. Seguia-se um magnifico coche do respeito, e depois delle o coche em iam SS. MM. El-Rei o sr. D. Luiz e o senhor D. Fernando bem como o senhor infante D. Augusto. Era este coche, que é um dos melhores da casa real, com requissimos relevos, de ora de talha tirada a oito cavallos e ladeado pelos moços da camara, archeiros e moços da estribeira.

O prestito era fechado por uma guarda de honra de cavallaria.

Chegados SS. MM. e AA. ao templo de S. Domingos foram recebidos no atrio da egreja pelos conselheiros de estado effectivo e honerarios, altos dignitarios, camara municipal, tribunaes superiores, etc. e acompanhados ao throno que se achava armado do lado do evangelho na capella-mór, no qual tomaram assento, vindo depois sentar-se no outro throno que se achava no corpo da egreja defronte do leito em que havia de repousar o principe real.

S. A. o principe Amadeu e tio do principe herdeiro, e S. A. o principe Eugenio de Carignan tomaram logar na tribuna real junto do throno acompanhados do seu sequito.

O templo estava brilhantemente armada e illuminado, tendo dois renques de brandões em volta da teia, e offerecia um aspecto magestoso na occasião em que, por entre a multidão das pessoas de ambos os sexos e de todas as jerarchias que, ornadas de suas insignias e de suas mais festivas galas o enchiam, foi conduzido ao baptismo o herdeiro da corôa. Os tocheiros eram 48 com 190 lumes, havendo além d'elles 10 candelabros com 180 lumes. De tocheiro a tocheiro pendia uma grinalda de flores.

S. A. real, que havia sido transportado com todo o recato n'uma carruagem especial acompanhado da sua aia e da sua ama de leite, foi recebido á porta do templo debaixo do palio e depositado no magnifico leito que para esse effeito havia sido preparado junto á porta principal, sendo d'ahi levado a receber o baptismo que lhe foi administrado pelo cardeal patriarcha de Lisboa com todo o ceremonial do rito romano. O leito em que foi depositado o principe era um lindo pavilhão com ricos cortinados sob o qual estava o real berço. O menino chorou por varias vezes. Recebeu o nome de Carlos Fernando, o primeiro em memoria de seu bisavô o rei Carlos Alberto, o martyr de Novara, e o segundo de seu avô e padrinho sr. D. Fernando. Tocou por madrinha com procuração da princeza Clotilde, esposa do principe Napoleão, a sr.ª duqueza da Terceira.

Em seguida cantou-se o grande *Te Deum* em acção de graças, o qual foi executado pelos musicos da real camara e por 24 cantores da sé patriarchal. O *Te Deum* era de Julião Travassos com entradas de Marcos Portugal.

Uma coincidencia para notar-se é que fazia hoje annos em que foi baptisado em dia de S. Pedro d'Alcantara o immortal imperador D. Pedro IV.

O prestito regressou ao paço da Ajuda pela mesma fórma porque havia vindo, e segundo todas as formalidades do programma.

No principio e no fim da ceremonia as embarcações e fortalezas deram as salvas do estylo repicando os sinos de quasi todas as torres.

As ruas do transito offereciam um bello quadro que era abrilhantado por um sem numero de senhoras e allumiado por um sol de verdadeira primavera. Dir-se-ia que a natureza se vestira de gala para se felicitar com o povo portuguez, a que ella presta tão prodigamente os seus dons.

A cidade, á hora a que escrevemos, está sendo illuminada. A descripção da festa nocturna que deve ser jubilosa, e as circumstancias que por ventura nos escapassem n'este quadro que esboçamos offerecel-as hemos aos leitores mais opportunamente.»

As illuminações da capital na noite do baptisado estiveram explendidas. O obelisco da praça de D. Pedro, illuminado com numerosas luzes de gaz, produziu um bonito effeito. Os candieiros collocados em volta d'esta praça foram substituidos por candelabros de 10 luzes.

No arsenal, na praça do Commercio, e no theatro de D. Maria tambem as illuminações foram vistosas.

Muitas philarmonicas percorreram as principaes ruas da cidade, executando diversos hymnos.

A concorrencia de povo no passeio, nas praças e pelas ruas, era extraordinaria.

No dia 17 deu S. M. El-Rei um jantar no paço d'Ajuda para honrar os officiaes da esquadra italiana e portugueza.

Por demasiado extensa não podemos transcrever aqui a descripção que faz a «Gazeta de Portugal» d'este explendido banquete.

«O jantar, diz a «Gazeta», foi jantar de principes. Nada faltou, nem serviço, nem iguarias, nem vinhos generosos, nem mesmo liberdade, regrada pela mais austera decencia, usada entre cavalheiros affeitos aos modos e tractos cortezãos; e S. M. que não parece esquecer-se dos respeitos que são devidos á sua alta posição social, põe comtudo os seus hospedes, a quem honra á sua mesa, tanto a seu commodo, que saboream os manjares que lhes são servidos de modo que não soffrem sujeição. A mesa d'El Rei o senhor D. Luiz, é sem lisonja, a melhor de Portugal, e talvez a melhor da Europa a muitos respeitos.»

No dia 18 houve novo jantar no paço, sendo convidados os generaes portuguezes.

E no dia 19 depois do baptisado real ainda houve um outro jantar na côrte, sendo convidado o corpo diplomatico, o ministerio, e grande número de pessoas de distincção.

No dia 19 partiu de Lisboa a fragata «Garibaldi» que fazia parte da esquadra italiana que se achava nas aguas do Tejo, e no dia 20 sahiram os restantes dos navios, levando os principes italianos Amadeu e Carignan.

O «Diario» de 21 publica uma portaria nomeando uma commissão composta do conselheiro José Bernardo da Silva Cabral, do conselheiro José Antonio Ferreira e Lima, do conselheiro Levy Maria Jordão, do conselheiro José Luciano de Castro, do bacharel Antonio Pequito Seixas d'Andrade, do bacharel Antonio Cardoso Avelino, da qual tambem fará parte o conselheiro Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, a fim de que juntamente conbinem o modo de aperfeiçoar tanto quanto possivel seja o projecto de regulamento geral de lei hypothecaria, do qual fôra encarregado o conselheiro Silva Ferrão, já se acha concluido.

ANNUNCIOS

CARREIRA DIARIA ENTRE AVEIRO E ESTARREJA

O barco da tolda parte d'esta cidade para Estarreja ás 8 horas da manhã, voltando no mesmo dia depois da chegada do comboyo.

Os bilhetes vendem-se no—Hotel Linha Ferrea.

Preços: Dentro da tolda....400 rs.
Fóra.....240 rs.

NA LIVRARIA

DE

JOÃO DA SILVA MELLO GUIMARÃES

A' ESQUINA DA RUA DE JESUS

ENCONTRAM-SE:

Uma numerosa e variadissima collecção de romances portuguezes, francezes e hespanhóes.

Grande sortimento de compendios para o ensino primario, secundario e superior; das sciencias e das artes.

Livros elementares para estudo das linguas latina, franceza e ingleza.

Livros para educação da mocidade e instrucção do clero.

Livros proprios do commercio, e para a administração civil, parochial etc., como codigos, leis, regulamentos etc. etc.

Livros de missa desde 300 rs. até 12$000 rs.

Albuns para retratos de variados preços.

Recebe encommendas de livros que estejam á venda nas livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

E tambem se encarrega de encommendas para o estrangeiro no mesmo sentido, por grandes ou pequenas que sejam.

ADÃO DE SOUZA MOREIRA, relojoeiro, chegado ultimamente do Porto, previne o publico que se acha estabelecido n'esta cidade, na rua dos Ferradores, aonde se promptifica a compor relojos de sala, e d'algibeira, caixas de musica, etc.

FRANCISCO DE SOUZA JANEIRO, bacharel formado em theologia e professor d'instituições canonicas n'este bispado d'Aveiro, continúa no dia 19 do corrente mez d'outubro a leccionar grammatica portugueza, latim e latinidade, em sua casa na rua das Ribas.

RESPONSAVEL:—*M. C. da Silveira Pimentel.*

Typ. do Districto de Aveiro.